

A ESCRITORA CAROLINA MARIA DE JESUS: LEGITIMANDO SEU LUGAR NA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA

Dênis Moura de Quadros – denis-dp10@hotmail.com

Doutorando em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

RESUMO: Há muito tempo é negado à Carolina Maria de Jesus (1914-1977) o espaço, ou *status*, de escritora. Carolina de Jesus é mencionada no *Dicionário crítico de escritoras brasileiras* (2002), concebido por Nelly Novaes Coelho (1922-2017), como memorialista. Dessa forma, pretendemos questionar essa negação, bem como a lacuna que há, na história da literatura brasileira, quando falamos em Carolina de Jesus. Para tanto, analisaremos *Quarto de despejo*: diário de uma favelada (1960) percebendo como a escritora ficcionaliza sua vida, refletindo acerca de sua condição de mulher negra brasileira letrada residente em uma favela. É a partir do conceito de autoficção (DUARTE, 2010) que buscaremos a legitimidade dos textos resistentes (SOMMER, 1994) da escritora. Esses textos exigem outra forma de leitura crítica, visto que partem das “margens” e apresentam peculiaridades que precisam ser levadas em conta. Por fim, percebemos que o espaço negado à Carolina de Jesus parte de uma academia que restringe as margens e encastela a *literatura* a partir do cânone hegemônico cristalizado. Contudo, a literatura afro-feminina (SANTIAGO, 2012) vem para questionar essa lacuna e abrir espaço para que outras escritoras ocupem esse lugar de direito na historiografia literária.

PALAVRAS-CHAVE: Cânone literário brasileiro; Autoficção; Literatura afro-feminina.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao falar em Carolina Maria de Jesus (1914-1977), instantaneamente, sua obra *Quarto de despejo*: Diário de uma favelada (1960) aparece para designar toda a obra literária da autora. Sua condição de mulher, negra, favelada que conta em seu diário a dura realidade encerra em si as demais produções. Essa ligação ocorre por ter sido a obra mais vendida da autora que, já em *Casa de alvenaria*: Diário de uma ex-favelada (1961), é esquecida pelo público leitor e pela crítica. Além disso, a ditadura militar de 1964 proibira a circulação de *Quarto* pelo seu alto teor testemunhal e as ferrenhas críticas ao governo da época em que fora escrito. As pesquisas acerca de Carolina de Jesus ainda condicionam sua obra como crítica social, o que ela realmente representa, contudo, a rede metafórica que a escritora apresenta não é levada em conta. Além de descrever seu dia-a-dia, Carolina faz algumas comparações metafóricas como, por exemplo, a favela comparada a um quarto de despejo e não apenas material, mas, também, humano. Essa desumanização aparece, com mais veemência, quando Carolina afirma que a fome é a escravidão moderna.

O *Dicionário crítico de escritoras brasileiras* (2002) reúne inúmeras escritoras que publicaram de 1711 a 2001. Dessas mulheres, há uma pequena abertura para escritoras do século XVIII e XIX que, segundo as palavras de Nelly Novaes Coelho (1922-2017), “deixaram memória na crônica

literária de seu tempo” (COELHO, 2002, p.13). Carolina de Jesus aparece no importante dicionário, contudo, além dos equívocos acerca da data das publicações da escritora, é classificada como memorialista. *Quarto* é, inegavelmente, uma obra com alto teor crítico e social, cuja memória é o fio condutor de toda narrativa, mas não é apenas isso. A obra, como veremos, conta com o auxílio da autoficção que, resgatando essas memórias, permite colar umas às outras de forma linear. A autoficção é mais facilmente percebida na obra póstuma, publicada primeiramente na França, *Diário de Bitita* (1986) em que a escritora relembra sua infância em Sacramento-MG (e não RS como consta no *Dicionário crítico de escritoras brasileiras* [2002]).

Interessante pensarmos, ainda, que a crítica não consegue conceber a obra de Carolina de Jesus e de outros autores *marginais* como literatura. Esses sujeitos advindos das margens, periféricamente falando, não apresentam uma narrativa comum, seus textos são, como reflete Doris Sommer (1994), resistentes. Logo, sua leitura crítica exige outra abordagem, nem tão diferente da usual, mas que leve em conta seus lugares de fala. O texto de Carolina de Jesus é atravessado pela sua condição de mulher negra, mas, também, parte de uma mulher “favelizada” que possui em suas mãos um poder que os seus pares não detêm: o da escrita. Passa despercebido esse detalhe nos trabalhos críticos, mas, não podemos esquecer que Carolina, ao falar de seus pares, não se inclui como “favelada”. Essa classificação parte do olhar de Audálio Dantas (1929-) como estratégia de venda e propaganda do *bestseller* brasileiro.

Por fim, é preciso legitimar Carolina de Jesus como escritora já que *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* (1960) apresenta alto teor literário pela reflexão; pelo estranhamento do texto resistente (SOMMER, 1994) e; pela rede metafórica presente nas “pérolas” usadas pela escritora. Essa legitimação parte, também, do conceito cunhado pela Dra. Ana Rita Santiago (2012) de *literatura afro-feminina* que pensa essa literatura produzida por mulheres negras como uma forma autônoma de resgatar a memória ancestral afro-brasileira e desconstruir o mito da democracia racial e outros por ela engendrados. Dessa forma, abri-se espaço para que outras escritoras, cuja escrita é atravessada pela condição interseccional de mulher negra, sejam legitimadas. Vale, ainda, ressaltar que essa escrita não está sempre interligada a questões feministas e femininas, pois essas mulheres são, antes de tudo, escritoras de literatura e a literatura não restringe e nem aceita “caixas”, ao contrário, ela serve para desconstruí-las e transcendê-las. Logo, a escrita das mulheres negras, além de reafirmar identidades, vem romper com os padrões que as marginalizam e as subalternizam. O caminho para essa legitimação é longo, mas necessário e se completará na Academia que, ainda, nega esse diálogo. Evocando Chico Buarque, afirmamos que “apesar de você” o diálogo se concretizará mesmo que para isso seja preciso “tomar de assalto” o poder da escrita, como afirma Fernando V. Eslava (2004) ao refletir a *literatura marginal*.

2 AUTOFIÇÃO E LITERATURA AFRO-FEMININA: INTERSECÇÕES

Constância Lima Duarte (1997) já afirmava que a presença de mulheres nos cânones era um fato incomum, visto que sua presença na sociedade fora restrita ao espaço doméstico. Se no cânone oficial há a presença de algumas escritoras como, por exemplo, Clarice Lispector (1920-1977), Cecília Meireles (1901-1964) e Raquel de Queiroz (1910-2003), não há como deixar de reconhecer que tal “consagração” ainda não alcançou tantas outras, principalmente as escritoras negras. O silêncio e a invisibilidade, ainda hoje, marcam indelevelmente as mulheres afrodescendentes de forma geral e interfere no alcance das obras por elas produzidas, visto que suas produções não circulam como as destacadas no cânone.

Maria Eunice Moreira (2003, p.94) afirma que: “O cânone se compõe [...] de muitos lugares, de variados espaços [...] que, de tempos em tempos, devem ser revisitados, e que, sobretudo, convidam a lançar uma nova mirada em busca de descobertas”. Logo, a história da literatura não consagra essas escritoras, apesar das inúmeras dissertações e teses que buscam resgatá-las. Essas descobertas e registros são importantes para as histórias da literatura por diferentes e convergentes motivos como afirma Siegfried Schmidt (1996):

Em geral, histórias literárias podem ser tão multifacetadas quanto os historiadores que as escrevem. A diferença entre histórias literárias é constituída por diferenças em intenção, interesses legitimados e nos procedimentos ou métodos aplicados. Um historiador literário autoconsciente deve, portanto, ser explícito em relação a questões sobre propósitos, interesses e necessidades de grupos sociais, comunidades de pesquisadores ou outras circunstâncias em função de que ele pretenda construir uma história literária. (SCHMIDT, 1996, p. 116-117)

Partindo, principalmente, da legitimação do discurso das mulheres negras e buscando romper o silêncio é que reivindicamos o espaço negado à precursora Carolina de Jesus. Partindo da escrita de mulheres, percebemos que elas não foram apenas realocadas ao espaço da casa, mas proibidas de frequentarem os espaços públicos e quando o faziam estavam sob a constante vigilância de pais e maridos. Esse fato não pode ficar de fora para pensarmos a produção das mulheres, pois o argumento utilizado para deslegitimar suas obras pauta-se na escrita de si e no gênero diário. O lugar de fala dessas mulheres é o privado, logo sua escrita não pode ser comparada aos seus pares masculinos, pois, tal estudo legitima seu apagamento.

Dessa forma, analisar a escrita de autores renomados pelo cânone e compará-los aos escritos das mulheres da mesma época é fazer um estudo comparatista assimétrico, pois mesmo

que a sociedade em que ambos viveram apresente semelhanças na cultura vigente, a forma como essa cultura e esses valores morais são apreendidos diferem em muito. Analisar obras contemporâneas de autoria feminina é diferente de resgatar outras obras silenciadas e esquecidas, pois ao serem analisadas temos que refletir sobre o cânone ou as obras canônicas elencadas como clássicas e, portanto, melhores.

Os universos culturais dos homens e das mulheres desenvolveram-se num patamar de igualdade, mas em duas linhas diversas, cada sexo possuindo seu próprio tipo de saber tradicional, suas próprias formas de lidar com o amor, a vida, a morte, a natureza e a religião, suas próprias canções e gêneros literários, seus próprios instrumentos musicais a até suas próprias formas de dançar e cantar. (LEMAIRE, 1994, p.63)

Para falarmos do apagamento dessas mulheres e suas obras das histórias da literatura e, conseqüentemente, dos cânones, Ria Lemaire (1994) indica duas necessidades que se colocam em nossos estudos: a primeira é a desconstrução do sujeito masculino tido como superior e representante da espécie humana e a segunda é a desconstrução de que há apenas um cânone de obras escritas alheio a cultura oral, de homens brancos, europeus e de famílias com alto poder aquisitivo.

A historiografia literária feminista traz uma contribuição nova para a desconstrução do discurso da história literária tradicional, porque junta, aos quatro princípios definidos por Foucault, uma nova premissa, que não é simplesmente um quinto princípio metodológico, apesar de intimamente relacionada aos princípios foucaultianos, determinando conseqüências fundamentais para todos eles. Seu ponto de partida é a percepção de que a história literária é um dos discursos de uma sociedade que se baseia essencialmente na desigualdade entre os sexos. (LEMAIRE, 1994)

Os quatro princípios que Michel Foucault (1970 apud. Lemaire 1994) elenca para a desconstrução do discurso cristalizado são: a quebra pela busca de continuidade, de tradição; o recolhimento e análise das obras que foram consideradas negativas; a reflexão acerca de como esse discurso hegemônico se instaurou e tomou espaço, bem como que tipos de mecanismos de poder foram utilizados e, por fim, o quarto princípio que é o de levar em conta o local de fala dos autores. Perpassaremos os cinco princípios enfatizando o quinto: o local de fala, questionando-o.

Resgatar as obras esquecidas pela história da literatura é desconstruir o mito de superioridade do cânone, escolha essa que envolve questões ideológicas mascaradas por uma escolha estética. A construção de um cânone literário feminino ou feminista não é, apenas, apresentar obras escritas por mulheres, mas, pensar nas diferenças de espaço delegado e de cultura machista excludente das sociedades. É, também, mostrar que não há inferioridade na literatura

produzida por aqueles que são excluídos dessa seleção. Assim, ao falarmos em literatura escrita por mulheres (negras) estamos falando de uma literatura que toma outros caminhos por um motivo claro e evidente: o local de fala dessas autoras. Discutir e analisar a literatura de autoria feminina e/ou afro-feminina não é negar o cânone hegemônico, mas ampliá-lo de forma clara e reflexiva.

Em pesquisa às *Histórias da Literatura Brasileira* o nome de Carolina Maria de Jesus não foi encontrado, nem mesmo na mais recente *História da Literatura Brasileira* (2007) do poeta Carlos Nejar (1939-). Na concisa *História* (2003) de Alfredo Bosi (1936-), a escritora também não compõe o cânone elencado pelo sociólogo, contudo, Bosi menciona Carolina de Jesus em *Literatura e resistência* (2002). Essa brevíssima menção ocorre, mas de pouco aprofundamento e, como normalmente incide, demarcando as características sociais da obra de Carolina de Jesus. Nessa menção, como analisa Gilmar Penteado (2016), “Bosi empregou quatro frases ao se referir à escritora negra, favelada, catadora de papel, mãe solteira de três filhos, com apenas dois anos de educação formal” (PENTEADO, 2016, p. 19).

Nessa lacuna e esquecimento, Carolina de Jesus, a autora é citada em uma importante obra catalográfica de escrita de mulheres: *O Dicionário crítico de escritoras brasileiras* (2002), organizado por Nelly Novaes Coelho (1922-2017). Ela ocupa a 244ª posição na lista de escritoras brasileiras listadas a partir de 1711 a 2001. Essa lista conta com escritoras que publicaram contos, romances, obras poéticas, peças teatrais e, com uma pequena abertura, para cronistas do século XIX cuja importância para a literatura escrita por mulheres é ímpar. Contudo, a entrada de Carolina de Jesus não se dá como escritora literária, o que ela é, mas como: “Memorialista e favelada” (COELHO, 2002, p. 109). Das obras de Carolina de Jesus, Coelho (2002) menciona apenas *Quarto de despejo* (1960) e *Casa de alvenaria* (1961), contudo equivoca-se acerca da data de publicação das obras indicando *Quarto* como publicada em 1958. Essa inexatidão de datas de publicação pode ter ocorrido por ter sido em 1958 a primeira aparição da escritora na sociedade. Audálio Dantas publica sua primeira matéria sobre Carolina de Jesus em 1958 no jornal paulista *Folha da Noite*.

Ainda, os cinco volumes de *Literatura e afro-descendência: Antologia crítica* (2011), organizado por Eduardo de Assis Duarte, descreve em seu primeiro volume os *precursores* da literatura negra. O verbete acerca de Carolina Maria de Jesus é escrito pela prof. Dra. Marisa Lajolo. Lajolo (2011) reflete sobre a escrita fragmentária da escritora, uma escrita que conta com outros elementos que a constituem como, por exemplo, o uso de palavras já não mais em voga no vocabulário. A escrita da “Cinderela Negra”, como se refere Lajolo (2011):

[...] parece reforçar a redundância das cifras de uma aritmética simples de adição e subtração, que configura o relato das carências cotidianas, miúdas e graúdas, dentre as quais a fome e a comida adquirem perfil de experiência estética. Na

sucessão de registros, as cifras mencionadas vão tendo alterado seu sentido de mera denotação contábil, adquirindo valor conotativo que expressa, em sua aparente frieza e objetividade, a subjetividade das vidas que por elas se medem. (LAJOLO, 2011, p. 443).

A afirmação de Lajolo acerca da escrita fragmentada, multifacetada que ressignifica as palavras dando-lhe uma versão conotativa corrobora com a afirmação de Doris Sommer (1994) ao discorrer sobre esses textos advindos das margens que exigem do leitor, principalmente o especializado, outra abordagem. Abordagem diferente daquelas usadas comumente na análise de textos clássicos, mas não menos importantes ou menos literários que esses, pois pauta-se, como mais veemência, na sensibilidade e na empatia do leitor. A própria Lajolo (2005) afirma em seus estudos sobre as relações do texto com o mundo que: “Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum” (LAJOLO, 2005, p. 15), essa afirmação nos leva a pensar que a deslegitimação de Carolina de Jesus como escritora implica na falta de sensibilidade da Academia, ainda, hegemonicamente masculina, branca, erudita e eurocêntrica. Parece que, dessa forma, falta um mínimo de empatia para lermos e analisarmos os profundos relatos carolinianos. Contudo, nos cabe salientar que já há inúmeros trabalhos acadêmicos acerca da obra de Carolina de Jesus, contudo a lacuna continua e o silenciamento persiste. Tanto que no dia 18 de abril de 2017 a atriz, cantora, jornalista e escritora negra Elisa Lucinda (1958-), em um evento da Academia Carioca de Letras, teve que defender a obra de Carolina de Jesus. Os críticos não permitem que Carolina de Jesus seja tida como escritora, principalmente por não conceberem *Quarto de despejo* como obra literária argumentando pela falta de ficção, justificativa que iremos questionar e atestar sua inveracidade.

A autoficção é compreendida através do que Kelley Duarte (2010) postula como uma escrita que tem: “a promessa de ser [...] um espaço de restituição e recomposição dos resquícios do vivido, da memória, [...] a nova escritura do “eu” que emerge ganha dimensões terapêuticas [...] dando conta de um sujeito fragmentado e de uma nova percepção de si mesmo.” (DUARTE, 2010, p. 27). Corroborando com a análise de Lajolo (2011) acerca da escrita fragmentada de Carolina de Jesus, veremos como a autoficcionalização do seu cotidiano registrado fragmentariamente em *Quarto* constroem uma trama articulada de metáforas e reflexões. Quando Carolina de Jesus fala de fome, ela a exprime através de uma cor: amarelo. Quem tem fome enxerga tudo amarelo e a tontura da fome é diferente da tontura da bebida.

A literatura produzida por mulheres negras ou literatura afro-feminina, adotando o conceito da professora Dra. Ana Rita Santiago (2012), é pouco estudada e lida na sociedade brasileira. Há, atualmente, algumas aberturas como *Olhos d'água* (2016) de Conceição Evaristo, leitura obrigatória

em vários vestibulares como, por exemplo, o da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) para o ingresso em 2018. Santiago (2012) elenca como precursoras três autoras negras: Maria Firmina dos Reis (1825-1917); Carolina Maria de Jesus (1914-1977) e Antonieta de Barros (1901-1952). No ano do centenário de morte de Maria Firmina (2017) pouco se ouviu falar de suas obras ou mesmo do primeiro romance abolicionista brasileiro *Úrsula* (1859). Também são raras as homenagens a esta autora basilar na literatura brasileira nos inúmeros eventos acadêmicos ao longo do ano de 2017. Além disso, Carolina de Jesus segue sendo considerada apenas memorialista e não uma escritora como atestamos no *Dicionário* (2002).

Heloísa Toller Gomes (2004) afirma que “a escrita (da mulher) negra é construtora de pontes.” (GOMES, 2004, p. 13). Essas pontes que unem o passado e o presente refletem o quanto ambos traduzem experiências de dor e sofrimento. São essas experiências que Carolina de Jesus descreve em *Quarto*, cuja dura realidade toma outro sentido, além da denúncia. *Quarto* é um diário e tem seu “pacto” de verdade autenticado (LEJEUNE, 2008), mas, como veremos, a ficção é ponto basilar para as reflexões da escritora. Ela (Carolina de Jesus) é leitora assídua de literatura, tanto que cita e parodia um verso do poema “Ri criança” de Casemiro de Abreu (1839-1860).

3 A FICCIONALIZAÇÃO EM *QUARTO DE DESPEJO* (1960)

Como afirma Lajolo (2011), a fome e a comida tomam perfil de experiência estética em *Quarto de despejo*, contudo não é apenas a fome que toma esse perfil, a esperança em melhorar e a fé em Deus também é abalada pela fome. Quando Carolina de Jesus narra seus primeiros escritos do diário, que datam de 1955, ela descreve que cozinha arroz, feijão e carne, bem como o café dos filhos. Esse cardápio vai, aos poucos, carecendo até sobrar apenas o feijão e pão duro encontrado no lixo. Outra questão que muda ao longo dos relatos é que a escritora não permite que seus filhos “catem” comida do lixo e ao final é só o que eles têm para comer.

A ficcionalização da vida tão dura de Carolina, e outros que dividem com ele esse espaço subalternizado e marginalizado, não está no fato de ter passado fome, apesar de ela constituir e ressignificar essa experiência estética, mas na forma como a escritora nos conta a precariedade social. Logo, Carolina de Jesus e outras escritoras negras instauram uma poética de seus textos, resistentes segundo Sommer (1994), e pertencentes à literatura afro-feminina segundo Santiago (2012). Nessa literatura, as escritoras se autorrepresentam no intuito de desconstruir os mitos acerca de sua condição de mulher e negra, mas antes de desconstruir o mito questionam e põe em xeque essa condição.

Apesar de haver pesquisadores que pensam a escrita de Carolina de Jesus como testemunho, caso do trabalho da pesquisadora Elisângela Aparecida Lopes (2018), discordamos, em partes, dessa afirmativa. O relato da escritora é sim uma crítica social que desnuda a desumanização dos moradores das favelas, contudo a escritora não é “favelada”. Afinal essa classificação parte de Audálio Dantas como artifício comercial para divulgar *Quarto*. Carolina possui um poder que os demais não têm: sabe ler e escrever e o faz diariamente. Ela mesma quem afirma em 19 de julho de 1955: “Estou residindo na favela. Mas se Deus ajudar hei de mudar daqui” (JESUS, 1960, p. 21). Esse é o desejo de Carolina quando Audálio promete a publicação de seus escritos, afirmando que ganhará uma casa. Como Carolina poderá servir de testemunha, alguém que representa outros, se ela considera seus pares: “projetos de gente humana” (JESUS, 1960, p. 24)?

Em 25 de julho de 1955, Carolina de Jesus afirma: “Amanheci contente. Estou cantando. As únicas horas que tenho socêgo aqui na favela é de manhã” (JESUS, 1960, p.28). Nesse primeiro momento a escritora, apesar das péssimas condições de moradia, tem a esperança e a crença no divino de que suas condições irão melhorar. Carolina deixa de escrever em seu diário retornando após três anos, em 1958. A ruptura nos registros é justificada pela autora pela perda do que ela mais nutria: a esperança. Apesar de saber do poder que tem nas mãos, cena que chama a atenção do jornalista que media sua publicação, Carolina não vê resultados. O retorno de Carolina traz consigo uma dura mudança: a precariedade e a fome.

No que Carolina registra como 13 de maio de 1958, afirma que já perdeu: “o hábito de sorrir. [...] E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual- a fome” (JESUS, 1960, p. 32) Esse ciclo de relatos constitui o ápice da ficcionalização da escritora. É em 1958 que Carolina narrará dois acontecimentos: o primeiro vivido e sentido por ela com a morte de Zinho e outro que ela escutara enquanto esperava na fila da Igreja para ganhar bolachas, o que não ocorre. Também é nesse ciclo de relatos de 1958 que a escritora reflete sobre a degradação:

Antigamente, isto é de 1950 até 1956, os favelados cantavam. Faziam batucadas. 1957, 1958, a vida foi ficando *causticante*. Já não sobra para eles comprar pinga. As batucadas foram contando-se até extinguir-se. (JESUS, 1960, p. 37, 19 de maio de 1958, grifo nosso)

Lajolo (2011) afirma que Carolina “enfeita” sua escrita como pequenas lantejoulas, uma delas é, como no grifo acima, o uso de palavra que não são coloquiais. Logo, o argumento usado de que a linguagem que Carolina utiliza é informal não se justifica. Percebemos com essas lantejoulas que a escritora é preocupada com a estética de sua escrita mesmo que a construção seja

fragmentária. A passagem que batiza o título de seu diário é extremamente poética. Enquanto na cidade ela é transposta para uma grande e luxuosa sala: “com seus ilustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim” (JESUS, 1960, p. 37) ela também nos transpõe para essa visão inebriante. Em oposição, a favela, “quarto de despejo”, nos remete para o espaço mais bagunçado e menos cuidado das nossas casas. Contudo, esse não é apenas um quarto, mas um espaço de lixo, do que não mais serve e então, e só então, Carolina afirma que: “Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotelho” (JESUS, 1960, p. 38).

O primeiro relato é o da morte de Zinho, apelido de um negro sem nome que é enterrado como indigente. Carolina ainda relata que ninguém se importava com essa morte ou mesmo em saber o nome de Zinho. Essa reflexão desnuda a sensibilidade de Carolina de Jesus que, nadando contra a corrente de desumanidade, relata a morte do menino que fora gentil com ela. Carolina fora vender alguns ferros e encontra Zinho que está feliz pelo seu achado: carne. Mesmo com fome, ele oferece alguns pedaços à Carolina.

Procurei convencê-lo a não comer aquela carne. Para comer os pães duros ruídos pelos ratos. Êle disse-me que não. Que há dois dia não comia. Acendeu o fogo e assou a carne. A form era tanta que êle não poude deixar assar a carne [...] No outro dia encontraram o pretinho morto. Os dedos do pé abriram. [...] Ele aumentou-se como se fosse de borracha [...] Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome. (JESUS, 1960, p. 41)

A degradação é tanta que Carolina tenta convencê-lo a comer pães duros ruídos pelos ratos ao invés da carne estragada. Depois de ter ficado dois dias sem comer, Zinho se alegra ao encontrar a carne e não consegue esperar que ela seja assada, a come crua. Essa passagem lembra um poema do canônico e sensível poeta Manuel Bandeira (1886-1968), *Bicho* (datado de 25/02/1947 pelo poeta). Parafraseando Bandeira, Zinho não era um cachorro, Não era um gato, não era um rato: era um homem. A forma como Carolina se refere à morte de Zinho não pode, mesmo, partir de qualquer autor, ela só pode ser advinda de quem viu de perto a fome que assola e desumaniza. Mas, sobretudo, a “moral” que a escritora estampa ao fato descrito: marginal não tem nome que dirá espaço e voz.

À medida que a fome aumenta, a esperança, já não pungente, e a fé em Deus vão sendo testadas. Carolina questiona: “Será que Deus vai ter pena de mim? Será que eu arranjo dinheiro hoje?” (JESUS, 1960, p. 47). Nessa época, a favela do Canindé ganha novos moradores, advindos de famílias de classe média de sujeitos desempregados que não conseguem mais pagar aluguel. Uma dessas novas moradoras afirma que o espaço não é habitável nem para porcos e que se os colocassem lá fariam protesto. “Os meninos tomaram café e foram a aula. Êles estão alegres porque

hoje teve café” (JESUS, 1960, p. 54) afirma a escritora negra, compartilhando da felicidade dos filhos em meio ao caos. Ainda, Carolina conta que em uma enchente que teve os comerciantes jogaram no rio o estoque de comida atingida pelas águas. Enquanto isso, os frigoríficos enchiam os restos da carne com creolina para que os pobres não as comessem.

O segundo relato que analisaremos não parte da visão de Carolina, mas do relato de outra mulher enquanto ambas aguardam a doação de bolachas. O episódio está datado de 14 de junho de 1958, ano em que Carolina mais escreveu. O relato é válido para analisarmos a estrutura narrativa que a escritora utiliza, criando uma tensão que emociona o leitor, bem como a presença de “cruzeza” classificada pela crítica como neorrealista.

Outra mulher reclamava que passou numa casa e pediu uma esmola. A dona da casa mandou esperar. [...] A mulher continuou dizendo que a dona da casa surgiu com um embrulho e deu-lhe. Ela não quis abrir o embrulho perto das colegas, com receio que elas pedissem. Começou pensar. Será um pedaço de queijo? Será carne? Quando ela chegou em casa, a primeira coisa que fez, foi desfazer o embrulho porque a curiosidade é amiga das mulheres. Quando desfez o embrulho viu que eram ratos mortos. (JESUS, 1960, p. 61-62)

O deboche da “dona de casa” entregando ratos mortos à mulher esfomeada é uma cena com alto teor de crueldade e desumanização. Ela não é um relato ficcional, no sentido de inventado, ela parte de uma experiência real contada por outra mulher, segundo Carolina. Apesar de ser classificado como “diário”, a cena é tão impactante que não podemos deixar de pensar que a mulher que recebe os ratos é a própria Carolina ficcionalizada. Se *Quarto* fosse apenas um diário a escritora contaria desde o início que o embrulho continha ratos mortos, mas é através da autoficção (DUARTE, 2010) que Carolina nos conta, passo a passo, o macabro episódio. Outro ponto que destacamos é o medo de ter que dividir o embrulho com as outras, o que demarca a competição e a necessidade de sobrevivência a que são lavados os sujeitos desses espaços marginais periféricos.

Conforme o tempo passa, Carolina vê na figura de Audálio e na reportagem que sairá um pequeno fio de esperança, não o de ficar rica, mas o de conseguir sair da favela e morar em uma casa de alvenaria. Ao que se sabe, pelo próprio prefácio de Audálio, Carolina entrega ao repórter todos os seus escritos, dentre eles suas poesias e seus contos. Mesmo escolhendo os diários, pelo impacto social e pela forma de publicidade acerca do texto excêntrico, Audálio inclui algumas quadras e poesias de Carolina, deixando entrever que além da coragem de exposição, ela também é uma escritora literária, inventividade que aparecerá com mais força na obra póstuma *Diário de Bitita* (1986). A passagem que mais me marca como leitor e pesquisador de *Quarto* está enviesada pelos relatos alegres da publicação da reportagem de Audálio Dantas sobre a favela do Canindé e sua escritora. A fome, essa escravidão cruel e nefasta, ataca com mais força.

Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo? (JESUS, 1960, p. 166)

Essa passagem pode ser analisada de forma individual ou a partir do suicídio que aparece mais duas vezes na obra, contando, inclusive, com o suicídio de uma mãe que não tinha comida para os filhos ainda no primeiro ciclo de relatos, de 1955, reportagem questionada pela escritora. A fé que havia de que as coisas mudariam com o auxílio de um Deus (da cultura judaico-cristã), tão distante, é totalmente rompida nesse ínterim. Carolina, mãe solteira, catadora de material reciclável, principalmente papel, sabia que detinha de um poder: a escrita. Contudo esse poder também a excluía da favela, espaço negado por ela na pretensão de mudar-se de lá. *Quarto de despejo* não é o diário de uma favelada, mas de uma mulher resistente, empoderada pelas palavras. Carolina é uma das precursoras da literatura afro-feminina, cuja narrativa não “quer repetir histórias e vivências, mas desconstruí-las quando oportuno” (SANTIAGO, 2012, p. 231).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das histórias da literatura negarem espaço à escritora Carolina de Jesus, seu nome persiste na Academia, cujas pesquisas não cessam e a cada nova só fortalece a rede que as outras instauraram. Quando falamos de literatura escrita por mulheres, a publicação do *Dicionário crítico de escritoras brasileiras* (2002), da saudosa professora Dra. Nelly Novaes Coelho, é um grande e basilar avanço nos resgate dessas muitas mulheres presentes e importantes para a literatura brasileira. Carolina de Jesus está lá, ocupando a 244ª posição, contudo não está por ser escritora, mas memorialista. Talvez pelos subtítulos de suas duas primeiras publicações (*Diário de uma favelada* e *Diário de uma ex-favelada*) sua obra literária tenha sido classificada como secundária.

Ao passo que a autoficção, mesmo contrariando o pacto autobiográfico (LEJEUNE, 2008), permite que as memórias fragmentadas advindas de uma experiência traumática sejam coladas pela escrita, é inegável afirmar que passar fome, não ter onde morar, não ter comida para dar aos filhos ou as mínimas condições de uma vida digna, como afirmava a escritora, é uma experiência traumática. Além disso, os diários não seguem uma rigorosa datação e escrita, visto que Carolina escrevia à noite e, conforme a reciclagem não rendia, ela dobrava seus turnos de trabalho, bem como a lacuna de três anos, entre 1955 e 1958. Ver seus pares comendo lixo, morrendo como indigentes, sem auxílio algum do Estado é, no mínimo, desumanizador.

Carolina é sim a “voz” que ecoa das favelas, a mulher negra que teve a audácia de criticar o governo, de refletir sobre inúmeros temas, ela é a poeta que: “enfrenta a morte quando vê seu povo

oprimido” (JESUS, 1960, p. 40) e não se cala diante da monstruosa condição. *Quarto de despejo* (1960) é sim uma crítica social que descreve os problemas diários de uma escravidão moderna que reverbera as condições da outra, falsamente abolida em 1888. Mas não é só isso. *Quarto* apresenta uma rede metafórica importantíssima, em que a autora não apenas descreve seu cotidiano, mas o faz de forma simbólica, ressignificando os múltiplos sentidos das palavras e cifras. Se o que se ganhava em 1955 não era suficiente para a compra de um par de sapatos para Vera Eunice, nos anos subsequentes não era suficiente nem para a gordura para cozinhar. Do escasso arroz, feijão e carne, resta apenas o feijão e os pães duros encontrados no lixo como alimento principal da mesa da família “de Jesus”.

A recente biografia lançada pela editora Malê: *Carolina: Uma biografia* (2018), de Tom Farias vem na esteira de legitimar Carolina de Jesus como escritora e como mulher, negra “favelizada”, no sentido de ter sido marginalizada e subalternizada. Junto a esse processo, sua obra é tida como “menor”, de menos prestígio e, logo, não há espaço nas alvas páginas da historiografia literária para ela. Ao que aqui evocamos a fala de Lélia González (1984), importante feminista negra que afirma: “Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta” (GONZALEZ, 1984, p.226), papéis e *status* permitidos a elas na sociedade. Não podemos esquecer a forma como *Quarto* fora anunciado, uma obra advinda da mulher, negra, de poucos estudos, favelada que escancarava a favela e seus moradores. Uma atração “realista”, tal como anunciaram a excentricidade de Saartjie Baartman (1789-1815), mulher negra apresentada como “aberração” na Europa.

Em tempos de comoção pela morte da importante ativista Marielle Franco (1979-2018), mulher, negra, vereadora, empoderada que empoderava outras, apresentamos essa proposta de legitimação da escritora Carolina Maria de Jesus. Essa precursora da literatura afro-feminina, abre espaço para legitimarmos outras como Maria Firmina dos Reis (1822-1917), Zeli de Oliveira Barbosa (1941-2017), Mel Adún (1978-), Conceição Evaristo (1946-), Cristiane Sobral (1974-), Mel Duarte (1989-) e muitas outras resgatadas e ainda atuantes. Todas fêmeas-fênix: “na cálida coragem do meu corpo,/no infindo laço da vida,/que jaz em mim/e renasce a flor fecunda./Vivifico-me eu-mulher./Fêmea. Fênix. Eu fecundo.” (EVARISTO, 2017, p. 29).

5 REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de literaturas brasileiras** [1711-2001]. São Paulo: Escrituras, 2002.

DUARTE, Constância Lima. **O cânone e a autoria feminina**. In: SCHMIDT, Rita Teresinha. (Org) **Mulheres e literatura: transformando identidade**. Porto Alegre: Palloti, 1997. P.79-89.

DUARTE, Kelley B. Autoficção. In: BERN, Zilá (Org). **Dicionário de mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 27-45.

ESLAVA, Fernando Villarraga. Literatura marginal: o assalto ao poder da escrita. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, DF, n. 24, p. 35-51, jul-dez 2004.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Leçon inaugurale**. Paris: College de France, 1970. In: LEMAIRE, Ria. **Repensando a história literária**. Trad. Heloísa Buarque de Hollanda. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. (Org) **Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GOMES, Heloísa Toller. “Visíveis e invisíveis grades”: Vozes de mulheres na escrita afro-descendente contemporânea. **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia: Ed. UFU, v.12, n.15, p.13-26, 2004.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, p.223-244, 1984.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. 6ª. Ed. São Paulo: Ática, 2005

LAJOLO, Marisa. Carolina Maria de Jesus. In: DUARE, Eduardo de Assis (Org). **Literatura e afrodescendência: antologia crítica**. V.1. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 439-457.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2008

LOPES, Elisângela Aparecida: A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus: uma análise do seu Quarto de despejo. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/1024-a-importancia-da-leitura-e-da-escrita-para-carolina-maria-de-jesus-uma-analise-do-seu-quarto-de-despejo-elisangela-aparecida-lobes> Acesso em 29 de março de 2018.

MONTEIRO, Sueli de Jesus. **A saga da escritora negra brasileira na busca de legitimidade da literatura negada**. In: MACHADO, Rodrigo Vasconcelos (Org) **Panorama da literatura negra ibero-americana**. Curitiba: UFPR, 2015. P. 380-391.

MOREIRA, Maria Eunice. Cãnone e cãnones: um plural singular. **Letras**, UFSM, n.26, jan-jun. 2003.

NEJAR, Carlos. **História da literatura brasileira**: da carta de Pero Vaz de Caminha à contemporaneidade. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

PENTEADO, Gilmar. A árvore Carolina Maria de Jesus: uma literatura vista de longe. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, DF, n. 49, p. 19-32, set-dez. 2016.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas: Ed. UFRB, 2012.

SCHMIDT, Siegfried. **Sobre a escrita de histórias da literatura**. Observações de um ponto de vista construtivista. In: OLINTO, Heidruh Krieger (Org). **Histórias de literatura**. As novas teorias alemãs. São Paulo: Ática, 1996. P. 100-132.

SOMMER, Doris. Resistan text and incompetent readers. **Poetics Today**, v. 15, n. 4, p.523-551, 1994.

Title

Writer Carolina Maria de Jesus: Legitimizing her place in the history of Brazilian literature

Abstract

It has long been denied to the Carolina Maria de Jesus (1914-1977) the space, or status, of a writer. Carolina de Jesus is mentioned in the *Dicionário crítico de escritoras brasileiras* (2002), conceived by Nelly Novaes Coelho (1922-2017), as a memorialist. In this way, we intend to question this denial, as well as the gap that there is in the history of Brazilian literature, when we speak of the Carolina de Jesus. For this, we analyze *the Child of the Dark: The Diary* (1960) Realizing how the writer fictionalizes her life, reflecting on her condition of Brazilian black woman literate resident in a slum paulista. It is from the concept of Autofiction (DUARTE, 2010) that we will seek the legitimacy of the resistant texts (SOMMER, 1994) of the writer. These texts require another form of critical reading, as they depart from the "margins" and present peculiarities that need to be taken into account. Finally, we realized that the space denied to the Carolina of Jesus part of a gym that restricts the margins and encastels the literature from the Canon hegemonic crystallized. However, the African female literature (SANTIAGO, 2012) comes to question this gap and make room for other writers to occupy this place of law in literary historiography.

Keywords

Brazilian literary canon; Autofiction; African-female literature.

Recebido em: 30/03/2018.

Aceito em: 24/04/2018.